

QUINTA-FEIRA, 28 DE AGOSTO DE 1997

Satisfação e otimismo

O mérito maior das pesquisas que a Confederação Nacional das Indústrias solicita ao Ibope de três em três meses é que a análise de seus resultados oferece a possibilidade de medir as flutuações da opinião pública com relação a uma série de problemas de ordem geral — e também particulares, sem sombra de dúvida. A análise permite, em última instância, medir a flutuação dos estados de espírito da população. Serve, ao mesmo tempo, de orientação para os que, antes de investir, desejam conhecer a maneira como a população pesquisada — e as amostras são sempre significativas, de 2 mil pessoas — vê a realidade econômica e política, e também para o governo, que pode cotejar os seus resultados com os daquelas pesquisas que manda realizar por diferentes institutos de pesquisa de opinião, com perguntas semelhantes ou, às vezes, diferentes.

O defeito que alguns poderiam apontar nessas pesquisas é exatamente a sua virtude: elas medem as flutuações da opinião pública diante da conduta do governo, de suas políticas econômica e social e as expectativas da população. Há momentos, porém, em que refletem opiniões que não mudam com o correr dos meses — e é nas respostas a essas perguntas que o governante e o analista devem prestar atenção. Antes de tentar analisar o que as flutuações

de agosto de 96 a agosto de 97 podem traduzir, é conveniente fixarmo-nos na pergunta sobre a política de privatizações, não tanto pelo que as respostas podem encerrar de aprovação ou reprovação, mas porque elas foram dadas algum, se não muito, tempo depois que o governo pôs em execução o plano de desestatização. O tempo que mediou entre a primeira e a última, mas não derradeira privatização, oferece, assim, condições de seus efeitos serem apreciados pelos formadores de opinião. Que revela, a este respeito, a pesquisa concluída este mês pelo Ibope? Que a maioria dos entrevistados aprova as privatizações, e que 71% dos que têm curso superior são de opinião de que a venda das estatais vai melhorar a qualidade dos serviços que são hoje explorados pelo governo. Essa resposta legítima e consolida uma política — e deve dar alento ao governo federal para prosseguir nela, além de servir de estímulo aos governos estaduais e alguns municipais, que temem a agitação dos "sáurios" e seus efeitos eleitorais. Para o governo federal, a pesquisa encomendada pela CNI não poderia apresentar resultados mais satisfatórios:



embora em agosto a avaliação positiva não tenha recuperado o terreno perdido em maio — quando caiu dos 70% de aprovação para 49% —, fixando-se em 54%, o aumento de cinco pontos porcentuais combinado com a queda de dois pontos na avaliação negativa dá o que se diria alento ao governo para enfrentar as situações difíceis que possam vir a ocorrer no futuro. Os fatores que são positivos para o governo — mais que o aumento da avalia-

ção favorável — são dois: a satisfação com a vida que os pesquisados estão vivendo e o receio do desemprego. É compreensível que, em novembro de 1996, 80% dos entrevistados se tenham manifestado satisfeitos com a vida que estavam levando: no dizer do economista Edward J. Amadeo, em artigo que já comentamos, estávamos no fim de uma fase do Plano Real em que os rendimentos mensais médios haviam crescido. Depois, houve, no item satisfação, ao entrarmos na terceira fase do Real — ainda segundo o estudo de Amadeo —, uma queda nos rendimentos, que explicaria a queda dos índices de maio. Este mês, a pesquisa registra um pequeno acréscimo no número de

pessoas satisfeitas e otimistas em relação ao futuro. O que é importante registrar é que as flutuações registradas nos gráficos que o Estado publicou indicam que o índice de satisfação com a vida nunca esteve abaixo de 75%.

O segundo fator positivo é a diminuição do índice do receio do desemprego. Não se trata apenas de "receio"; trata-se de "muito medo de perder o emprego". Como os demais dados, os índices flutuam de

**A última pesquisa
Ibope/CNI mostra
apoio ao Plano
Real e alto grau
de esperança no
futuro**

agosto do ano passado até este mês; mas o que é importante registrar é a queda de três pontos porcentuais entre maio e agosto deste ano. Isso indica que apesar de toda a propaganda contrária ao Plano Real e de o desemprego ser um dado de fato, a população — cujo pensamento a pesquisa reflete sem dúvida — já tem mais esperança.

É essa esperança no futuro, sem dúvida, que apoqua as oposições políticas, que não sabem como responder a índices que mostram claramente que o governo vai no rumo certo: tanto assim é que a crença no êxito do Plano Real voltou a subir de maio para cá.